



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

FILIPE GOMES DE JESUS LINO

**PROJETO DE EDUCAÇÃO E ARTE NA PERIFERIA SOTEROPOLITANA:
MOVIMENTO ARTÍSTICO ERÊ NA PRAÇA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2023**

FILIPE GOMES DE JESUS LINO

**PROJETO DE EDUCAÇÃO E ARTE NA PERIFERIA SOTEROPOLITANA:
MOVIMENTO ARTÍSTICO ERÊ NA PRAÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudilene Maria da Silva.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2023**

FILIPE GOMES DE JESUS LINO

**PROJETO DE EDUCAÇÃO E ARTE NA PERIFERIA SOTEROPOLITANA:
MOVIMENTO ARTÍSTICO ERÊ NA PRAÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 16 de dezembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Claudilene Maria da Silva (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Bruno Amaral Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a M.^a Emilly Pereira Chaves

Universidade Federal da Bahia - UFBA

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA DE PESQUISA	5
3	OBJETIVOS	6
3.1	GERAL	6
3.2	ESPECÍFICOS	6
4	JUSTIFICATIVA	7
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
5.1	ARTE-EDUCAÇÃO, PROJETOS SOCIAIS E DESIGUALDADES SOCIAIS EDUCACIONAIS	7
6	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
7	CRONOGRAMA DE PESQUISA	14
	REFERÊNCIAS	16
	APÊNDICE	17

1 INTRODUÇÃO

Esse projeto de pesquisa tem como tema o **movimento Erê na Praça**. Um projeto educacional fundado no bairro de Cidade Nova em Salvador/BA em 2016 por Madalena Gomes - cantora e percussionista, e Uiliane Monteiro - dançarina e atriz. Esse movimento artístico surgiu com o intuito de resgatar as crianças que vivem nessa comunidade introduzindo arte e cultura no cotidiano através da valorização da cultura afro-brasileira e fazeres artísticos. Neste espaço ocorrem oficinas de leitura, consciência ambiental, aula de percussão, dentre outros. Além disso conta com a parceria de Organizações Não Governamentais (ONGs) como a *Rede de Protagonistas em ação* de Itapagipe (REPROTAI) e *Central Única das Favelas no Estado da Bahia* (CUFABA), instituições que prestam assistência à saúde e alimentação na comunidade do bairro de Cidade Nova.

Escolhi esse tema pois cresci nesse bairro e pretendo abordar que, apesar da favela ser um ambiente violento, as comunidades não se resumem somente nisso. Elas possuem tecnologias, produção de conhecimento e cultura. Logo é importante nos conscientizarmos para que desmistifiquemos a percepção hegemônica sobre este espaço.

Então, será apresentado o movimento artístico Erê na Praça, situado no bairro de Cidade Nova, um bairro periférico em que a maioria da população precisa de atenção por conta da violência e do narcotráfico e o Estado falha em prover a assistência necessária.

O movimento artístico e educacional é voltado para essas crianças, o futuro desta comunidade. Se colocando enquanto um espaço de produção de conhecimento e provendo novas perspectivas, já que muitas vezes o ciclo de criminalidade e subalternidade se repete para essa população.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

A favela é uma consequência da desigualdade social, pois é um lugar em que, muitas vezes, a população não tem condições de se manter financeiramente e convive com a falta de saneamento básico, energia. Além de viver em construções irregulares e tumultuadas. Lidam com a violência extrema seja pelo narcotráfico ou pela ação de policiais que atuam, muitas vezes, de forma equivocada e injusta. Salvador está no 10º lugar do ranking de lugares com

estas características e condições.¹

Se o lugar corresponde com tantos obstáculos, como um trabalho social realizado pelo Movimento Erê na Praça consegue dar continuidade ao projeto? Uma vez que a comunidade tem muitos problemas sociais e o Estado não dá a devida atenção às políticas públicas necessárias.

A solidariedade conjunta ou as ONGs têm esse papel de intervir e minimizar a falta de assistência por parte das instituições governamentais. Mas será que essas ações trazem resultados a longo prazo?

O movimento artístico Erê na praça tem esse objetivo de trazer a cultura e a arte para essa população infantil, então sobre esses pontos levantados questiono:

Qual a relevância e os impactos causados pelo Movimento Erê na Praça para as crianças desta comunidade?

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Compreender a importância das atividades artísticas e culturais do movimento artístico Erê na Praça para a comunidade do Bairro da Cidade Nova de Salvador.

3.2 ESPECÍFICOS

- Analisar a representação do movimento artístico *Erê na Praça* para a comunidade.
- Discutir os impactos causados nas vidas das pessoas que estão na comunidade quando se tem o contato com esse grupo.
- Refletir sobre o ensino da arte afro-brasileira no Movimento Erê na Praça para as crianças negras.

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/05/19/em-salvador-4-de-cada-10-domicilios-estao-em-favelas-e-assemelhados-de-acordo-com-o-ibge.ghtml>

4 JUSTIFICATIVA

É de entendimento geral que a favela e as comunidades carentes são vulneráveis acarretando diversos problemas, sendo que boa parte deles são ligados às violências. Isso não interfere só na população adulta, mas nas crianças também. O tema foi escolhido porque o Movimento *Erê na Praça* representa uma forma de resistência educacional e cultural na comunidade de Cidade Nova em Salvador-Ba. Relatar como esse projeto interfere na comunidade e pode ser exemplo para outras comunidades, já que o método utilizado é afrocentrado² e a maioria da população soteropolitana é negra³. Sendo um tema atual, esse projeto social contribui de diversas formas para essa comunidade.

Analizando esses fatores, o propósito é levantar a discussão sobre o que podemos fazer para que as comunidades tenham mais possibilidades de educação e cultura, já que muitas vezes esses acessos são negados. E de que forma esse projeto pode incentivar essa população a ter outras expectativas além da criminalidade e atividades subalternas.

Esta pesquisa pode contribuir no meio acadêmico mostrando como esse movimento artístico agrega a comunidade ao oferecer conscientização, atividades educacionais e artísticas afro-brasileiras podendo ser um referencial para atividades pedagógicas em outras comunidades e instituições.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 ARTE-EDUCAÇÃO, PROJETOS SOCIAIS E DESIGUALDADES SOCIAIS EDUCACIONAIS

Milton Santos (1997) geógrafo e cientista social, argumenta como as sociedades geograficamente foram desenvolvidas. Ele afirma que a sociedade moderna brasileira é herdeira da escravização tanto no modelo cívico quanto cultural⁴, resultando também na divisão de

² Refere-se uma ideia que coloca as culturas africanas no centro, valorizando e destacando as perspectivas, experiências e contribuições de africanos e afrodescendentes. Este termo destaca a importância de reconhecer e celebrar a história e a diversidade cultural africanas, buscando contrariar a marginalização histórica dessas culturas em vários contextos. Pode ser aplicado em diferentes áreas, desde a educação até a arte, visando promover uma compreensão mais equitativa e respeitosa da herança africana.

³ Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2011/11/salvador-e-capital-mais-negra-do-pais-aponta-ibge.html>

⁴ Disponível no livro: O preconceito

território tendo como consequência a separação de raça e de classe, em que uma pequena parcela da população vive próximo ou no centro urbano. E com isso possui acesso com facilidade a educação, cultura, saúde enquanto uma grande parte da população está afastada desse centro e consequentemente esses indivíduos ficam afastados de direitos básicos, como: saúde, saneamento básico, segurança pública, segurança alimentar, educação, cultura, dentre outros. A falta desses recursos ou a precariedade deles é o que Milton Santos entende como *Cidadania Mutilada*. Para o autor indivíduos vivem como a:

[...] Cidadania mutilada também na localização dos homens, na sua moradia. Cidadania mutilada na circulação. Esse famoso direito de ir e vir, que alguns nem imaginam existir, mas que na realidade é tolhido para uma parte significativa da população. Cidadania mutilada na educação. Quem por acaso passeou ou permaneceu pela maior universidade deste estado e deste país, a USP, não tem nenhuma dúvida de que ela não é uma universidade para negros [...] (Santos, 1996/1997, p.134).

É deste modo que ele conceitua cidadãos incompletos que não possuem garantia de direitos que deveriam ser estabelecidos para eles. O autor destaca que essa cidadania mutilada recai em sua maioria sobre as populações negras no qual grande parte desse grupo estão em espaços periféricos e marginalizados como as favelas, em que o Estado não se faz presente como agente garantidor da cidadania para esses indivíduos. Santos aborda que essa situação encontra um agravante porque a sociedade brasileira não possui conscientização de cidadania e os indivíduos que vivem nas periferias não tem a construção dessa consciência de visão de mundo, pois eles não possuem acesso a esses direitos ou seja estão tendo a sua cidadania mutilada de forma involuntária.

Com a falta de cidadania plena nas favelas essas comunidades lidam com a ausência do Estado. As ONGs progressistas juntamente com os movimentos sociais e educacionais cresceram no Brasil embora que no começo as ONGs surgiram para o desenvolvimento das comunidades como forma de favorecer o crescimento econômico.

Os movimentos sociais e militância por justiça social tiveram forças logo após a ditadura militar e a nova categoria se consolidou para além de ajudar pessoas com vulnerabilidade socioeconômica, também faz crítica ao capitalismo fazendo com que esse meio ficasse mais complexo e heterogêneo (Machado, 2009).

A educação popular nesses espaços se dá quando, em sua maioria, vem da influência freireana em que a educação vai para além dos espaços escolares e o educador aprende também com o aprendiz, tornando uma prática emancipatória desenvolvendo uma visão de mundo crítica perante as opressões em evidência. Porém mesmo com esses movimentos educacionais

e emancipatórios as ONGs de participação popular possuem suas limitações já que elas existem para resolver problemas imediatos e locais no meio de uma estrutura que desfavorece o coletivo, principalmente com as pessoas racializadas e pobres.

Dante disso, é preciso que se esclareça que as ONGs identificadas como cidadãs ou progressistas no âmbito da educação popular tem contribuído bastante com o estímulo à mobilização popular e “participação cidadã” e, inclusive, alcançado conquistas no âmbito de políticas públicas locais. Mas, a nosso ver, essa participação apresenta alguns limites que podem e devem ser ultrapassados, que é exatamente a luta por mudanças pontuais e não estruturais, não se busca lutar contra as raízes dos problemas sociais, o sistema capitalista, e sim, contra a estratégia atual desse sistema, o neoliberalismo, o que as coloca numa posição reformista e não transformadora (Machado, 2006, p. 3497).

Embora as ONGs em geral tenham lutas e causas individuais, elas possuem alguns obstáculos em comum. Aline Machado (2009) afirma que as ONGs progressistas, no campo da educação popular em sua maioria, possuem instabilidade financeira, sendo assim ocorre descontinuidade das ações e necessidade de reconhecimento social de suas ações neste campo.

A professora Ana Mae Barbosa (2015), pioneira da educação da arte no currículo nas instituições de ensino, levanta o estudo quando se trata do contato com a arte. Independente da mobilidade o indivíduo acaba desenvolvendo criatividade, o senso crítico é mais evidente e o modo de encarar os desafios mudam. Isso faz com que os indivíduos que passam a ter práticas artísticas tenham mais compreensão de como encarar a realidade e a sociedade. O desenvolvimento da criatividade, o descobrimento do talento e a criação do senso crítico são fundamentais para formação de caráter, principalmente quando se trata de crianças, e consequentemente o desenvolvimento de novas expectativas de vida pode surgir a partir do acesso à cultura e atividades artísticas.

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (Barbosa, 2015, p.2).

A autora também aborda que a cultura e a arte local são fundamentais, uma vez que no ensino eurocêntrico, em sua maioria, o indivíduo racializado não consegue se enxergar e ter um contato com a cultura indígenas ou africanas, da qual faz parte. Para que os indivíduos se reconheçam e tenham identidade é necessário que eles tenham um contato mais direto com a cultura local, como a autora aborda que a cultura indígena só é tolerada como uma curiosidade

folclórica. Podemos dizer que a cultura afro-brasileira também está nesse mesmo patamar, e quando se trata de que a maioria da população negra não conhece a sua cultura e sua origem, isso faz com que a identidade fique distorcida, apagada ou marginalizada. E os mais atingidos são as populações de classe baixa que se localizam nas periferias.

A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo, a educação formal no Terceiro Mundo Ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano branco. A cultura indígena só é tolerada na escola sob a forma de folclore, de curiosidade e esoterismo; sempre como uma cultura de segunda categoria (Barbosa, 2015 p.1).

Nilma Lino Gomes (2012) que é pedagoga brasileira e desenvolve a elaboração dos currículos afro brasileiros e educação antirracista nas intuições de ensino, discute que a ausência do currículo afro brasileiro e da cultura local nas instituições pedagógicas tem como consequência o sentimento dos indivíduos, principalmente os negros afrodescendentes que estão no local de marginalidade, de não se sentirem pertencentes nesses espaços de forma positiva, o que resulta exclusão, de forma involuntária a subalternidade dos saberes, criando assim uma lacuna entre a educação social e educação institucionalizada. A autora destaca que:

A maneira de o “nós” situar-se com relação aos “outros” é algo que foi construído a partir de uma perspectiva eurocêntrica. Candau (2010) assegura que usualmente se inclui na categoria “nós” a menção àqueles grupos que possuem referências culturais e sociais semelhantes a um padrão que estes conjugam com um modo de pensar e agir, os “outros”, por consequência, são aqueles que confrontam estas maneiras, através de sua etnia, religião, classe social etc. Entender e discutir estes processos é fundamental para a educação, pois estes se dão também no contexto escolar, marcando situações de conflito, de negação e de exclusão. (Gomes, 2012 p.3)

Podemos entender que a educação nesses espaços pedagógicos para essas pessoas pode atrapalhar na autoestima intelectual e identitária, por isso a importância de um espaço de educação não escolarizada para que esses indivíduos possam conhecer e sentir-se pertencentes. Vale ressaltar que instituições artísticas não governamentais não substituem a escola, mas auxiliam para criação de identidade e formação de cidadania.

A Socióloga Maria da Glória Gohn (2006) trabalha com movimentos sociais, educação não formal e educador social. Aborda que a educação não formal é desenvolvida fora das escolas, o aprendizado é desenvolvido de acordo do ambiente que o indivíduo se encontra no determinado espaço durante o seu processo de socialização. É um processo de compartilhamento de experiências que ao longo do tempo aquele aprendiz adquire. A educação

informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes e a forma de expressar segundo os valores daquele determinado grupo. Ela atua no campo das emoções e sentimentos e não se organiza por questão de idade, série, conteúdos, ou seja, na educação não formal não se espera resultados precisos. Eles se desenvolvem a partir do senso comum dos indivíduos, dando a esses indivíduos auto estima, pertencimento e autonomia. As metodologias da educação informal são desenvolvidas de acordo com o processo de aprendizagem e cultura de determinado grupo.

A educação informal não é organizada, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiência anteriores, usualmente é o passado orientando o presente. Ela atua no campo das emoções e sentimentos. É um processo permanente e não organizado. A educação não formal tem outros atributos: ela não é organizada por séries/ idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha de forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da autoestima e do empowerment do grupo, criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo. (Gohn, 2006 p.30)

Apesar da educação fora da instituição escolar ser classificada como informal, ou não formal, outras autoras nomeiam essa categoria como educação social, como justificativa de que a educação também possui relevância quando o intuito dessas ONGs educacionais é criado para formação de cidadania, consciência identitária, cultural e de classe.

Eliana Moura e Dinora Zucchetti em seu artigo *Educação além da escola: Acolhida em outros saberes* argumentam que a escola não substitui a educação social, mas a educação social tem a sua importância por que vai para além das instituições escolares, principalmente no caráter de formação de cidadania e visão de mundo através daquele espaço que indivíduo está inserido. Segundo essa linha de pensamento, podemos entender que não existe um lugar seguro para dar uma educação de qualidade onde todos os aprendizados se concentram em um único lugar.

Desta perspectiva, concebemos a educação para além dos espaços hegemônicos de disseminação dos conhecimentos instituídos pela racionalidade científica “iluminadora”, questionando as instituições socialmente legitimadas, proprietárias do direito (e dever da) à transmissão desses conhecimentos. Entendemos que na marginalidade dos conhecimentos instituídos, existe um universo plural de culturas, de linguagens, de expressões, de modos de existir e de ser que, ao atribuírem outros significados à própria existência, produzem outros saberes (Moura; Zucchetti, 2010 p. 639).

Com a consequência do colonialismo, juntamente com o currículo eurocêntrico, algumas escolas não apreciam a cultura local. A falta de representatividade faz com que os indivíduos racializados e periféricos se sintam distantes dessas intuições, estrangeiros ou não

pertencentes desses locais. As instituições não governamentais estão fazendo esse papel, através da educação social. Além de ajudar as crianças, jovens e moradores das comunidades a se distanciar da criminalidade e do sentimento de subalternidade, também fazem com que as crianças da sua maioria negra aprendam a exercer e a expressar a sua cultura local.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa terá a abordagem qualitativa e utilizaremos a observação participante como estratégia metodológica, registrando as informações coletadas em diário de campo. Complementarmente faremos entrevistas semiestruturadas para melhor compreensão da situação em estudo.

A entrevista será semiestruturada porque os entrevistados, em sua maioria, serão crianças e a flexibilidade desse tipo de entrevista é fundamental para obter com mais qualidade e honestidade os dados.

Os sujeitos são as pessoas que trabalham e são atendidas pelo movimento Erê na praça, os alunos dessa organização, os responsáveis e os moradores vivem em torno da comunidade. Trata-se de um grupo não governamental localizado no bairro periférico de Salvador e tem o objetivo de educar as crianças da comunidade através da arte e também do esporte afro-brasileiro como aulas de percussão e capoeira. Também são trabalhadas oficinas de leitura, consciência ambiental e com a parceria de outras ONGs como a *Rede de Protagonistas em Ação* de Itapagipe (REPROTAI) e *Central Única das Favelas no Estado da Bahia* (CUFABA). Eles facilitam o acesso de assistência à saúde e alimentação como distribuição de consultas médicas e cestas básicas à comunidade do bairro de Cidade Nova.

No primeiro momento, entramos em contato com o grupo buscando fazer a aproximação inicial, por meio de suas Redes Sociais para abordar com mais honestidade a realidade social do grupo.

E por fim, os dados colhidos neste trabalho serão finalizados com o documentário audiovisual, com o intuito de exprimir a apreensão da crítica das realidades sociais e culturais as quais mantém contato sem dispensar a problematização do tema específico.

Seguem algumas imagens desse momento de aproximação.

Figura 1- Fundadoras do projeto Erê na Praça, Uiliane Monteiro e Madalena Gomes.



Fonte: Página Movimento Erê na Praça no Instagram¹

Figura 2 - Turma de percussão



Fonte: Pagina Movimento Erê na Praça no Instagram²

Posteriormente realizaremos as entrevistas com as criadoras, com o objetivo de ouvir as organizadoras do grupo do Movimento Erê na Praça. Inicialmente serão entrevistadas as criadoras do projeto que poderá ser individual ou as duas em conjunto.

7 CRONOGRAMA DE PESQUISA

O cronograma de trabalho foi elaborado levando em consideração o tempo destinado ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no curso que pretendemos fazer no segundo ciclo de formação: o curso de licenciatura em Ciências Sociais. Assim, organizamos as atividades ao longo de dois semestres letivos.

Atividades	Primeiro semestre						Segundo semestre					
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Revisão do Pré-Projeto												
Leitura Bibliográfica												
Pesquisa em Campo												
Entrevistas com as Fundadoras e Organizadores												
Entrevistas com Alunos e Moradores												
Coleta de Dados												
Análise de Dados												
Elaboração do texto												
Entrega da 1º versão do texto.												
Elaboração do áudio visual												
Defesa												

Fonte: elaboração própria.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte, Educação e Cultura. Ministério das Relações Exteriores, s/d. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=32531. Acesso em: 27 de Dez.de 2021

GOHN,Maria da Glória. **Educação não-formal: Participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, jan./mar.2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?lang=pt> . Acesso em: 26 de Jun.de 2022

GOMES, Nilma L. **Africanidade no currículo: a Lei federal N°10.639/03 e as práticas curriculares de escolas públicas de Sabará/MG**, Minas Gerais, p.1-10, mai./nov.2012

IBGE, **G1 BA, 2020.** Em Salvador, 4 em cada 10 domicílios estão em favelas e assemelhados, de acordo com **Disponível** em:
<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/05/19/em-salvador-4-de-cada-10-domicilios-estao-em-favelas-e-assemelhados-de-acordo-com-o-ibge.ghtml>
Acesso em: 03 de Dez.de 2021

IBGE. **G1 BA,2011.** SALVADOR, é a capital mais negra do país. Disponível em:
<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2011/11/salvador-e-capital-mais-negra-do-pais-aponta-ibge.html> Acesso em: 27 de Dez.de2021

MACHADO, Aline Maria Batista. O percurso histórico das ONGs no Brasil: Perspectivas e desafios no campo da educação popular. **IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, v. 31, n. 07, 2012.
Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4447269/mod_resource/content/1/06.%20Artigo%20ONGs.pdf Acesso em: 02 de Dez.de 2023

MOURA, ELIANA PEREZ GONÇALVES DE; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. Educação além da escola: acolhida a outros saberes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, p. 629-648, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000200016> Acesso em: 02 de Dez.de 2023

SANTOS, Milton. As Cidadanias Mutiladas. In: LERNER, Julio. **O preconceito**. São Paulo: IMESP, 1996 1997. cap. 7, p. 133- 144.

APÊNDICE



ROTEIRO DA ENTREVISTA

Pensamos nas seguintes perguntas de partida:

- 1- Quem deu a iniciativa e quando começou o projeto Erê na Praça?
- 2- Porque o nome Erê na Praça e quais são as suas inspirações para esse projeto?
- 3- Vocês recebem ajuda de alguém para continuar esse projeto? Quem?
- 4- Quais são os obstáculos e desafios que vocês estão enfrentando?
- 5- Quais foram as conquistas que vocês já alcançaram?
- 6- O que você espera futuramente com esse projeto?